

EDUCAÇÃO MUSICAL DE DEFICIENTES VISUAIS — ANALISANDO POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO DE ALGUNS PRINCÍPIOS DO MÉTODO SUZUKI

Marcelo Inagoki Rodrigues

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

PPGM – Curso de Mestrado em Música

Educação Musical

SIMPOM: Subárea de Educação Musical

“A música é importante na reintegração social de pessoas com deficiência visual”

Sabrynne Sampaio de Sena

Resumo

Esta pesquisa qualitativa, em andamento no Instituto Benjamin Constant, conta com a participação de alguns alunos do próprio IBC (cerca de onze alunos de música) e visa relacionar o método Suzuki à educação musical de pessoas cegas e de baixa visão. Essa idéia surgiu do pressuposto de que o método Suzuki, no âmbito da educação musical, trabalha primeiro com o vivenciar musical para que depois seja inserida a leitura musical. Para o deficiente visual, é oportuno começar pela vivência musical, pois ele necessita trabalhar os diversos elementos extra-visuais com o objetivo de amenizar a sua condição de deficiente visual e elaborar imagens corporais que exercitem a sua faculdade de interpretar o meio no qual está inserido. Verificamos também que começar o estudo da música através de uma prática musical isenta de notação musical não significa permanecer ou continuar com essa proposta, porque nada impede que o estudo musical, no início, baseie-se no desenvolvimento de músicas já escritas no sistema Braille a fim de preparar o aluno de música com deficiência visual para o posterior estudo da musicografia Braille. Quando o aluno for aprender a ler música em Braille, já poderá estar executando músicas que já estejam escritas nesse sistema. Essa pesquisa também dá margem a uma investigação instrumental, e o instrumento escolhido pelo autor foi o violão. O instrumento de Suzuki era o violino, porém o autor da pesquisa acredita que o violão pode absorver características metodológico-musicais pertinentes ao violino através de adaptações que combinem com “idioma musical” do violão. Com essa pesquisa o autor pretende contribuir para a educação musical especial, apontando caminhos de aprendizagem musical para os alunos de música com deficiência visual e contribuir, através da prática musical, para a integração do deficiente visual em espaços de convívio musical.

Palavras-chave: deficiência visual; Método Suzuki; violão; educação musical.

O método Suzuki

Segundo Suzuki (1983), “a educação musical é um caminho para o auto-conhecimento do homem e para sua auto realização” (p. 7) e “talento não é um acaso do nascimento”. (SUZUKI, 1969, p.7). Acreditamos que essa idéia de Suzuki vale para o âmbito da deficiência visual e que “o talento de



I Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música

XV Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO

Rio de Janeiro, 8 a 10 de novembro de 2010

um músico com deficiência visual não se relaciona à sua cegueira, mas sim à qualidade de seu empenho e dedicação aos estudos musicais”. (BONILHA & CARRASCO, 2007, p.2). Existem mitos com a tendência de superestimar ou de se subestimar as capacidades de uma pessoa cega.

No campo da música, essa concepção estereotipada aparece à medida que o cego, ora é considerado como uma pessoa naturalmente apta para a música, e ora é considerado como um músico incapaz de frequentar uma escola de música regular. (REILY, 2004 apud BONILHA & CARRASCO, 2007, p.2).

Segundo Suzuki (1983), “o homem nasce sem talento. As pessoas são o que são como resultado do seu ambiente próprio e específico”. (p.17) Por isso compete à educação do talento sugerida por Suzuki, “buscar as pontencialidades do ser humano”. (p. 12).

Para Bonilha & Carrasco (2007), todo aluno, deficiente ou não, é dotado de possibilidades e limites. Para Ganzaroli (2002), “o sucesso de um músico cego há de ser atribuído ao talento e esforço individuais, à competência dos mestres, à eficácia do método empregado — nunca à cegueira em si mesma”. (apud BONILHA & CARRASCO, 2007).

Essas declarações em defesa do potencial do ser humano com ou sem deficiência visual são “ferramentas teóricas” que norteiam o estudo de caso que acontece no próprio IBC, onde o pesquisador, de fato, entra em contato direto como professor de música que acredita no desenvolvimento musical dos alunos com deficiência visual e procura excluir preconceitos que atrasariam o trabalho.

A deficiência visual

Para Masini (1993), “os portadores de deficiência visual são divididos em dois grupos: cegos e portadores de visão subnormal”. (p.61). Segundo Masini (1993):

Ao invés de estabelecer precocemente uma delimitação numérica e rígida de seu potencial, focaliza-o primeiramente naquilo que sabe e pode fazer e, posteriormente, naqueles que são seus limites. (p.62).

Verificamos, com essa classificação, que a realidade das pessoas com visão subnormal é diferente da realidade dos cegos, e com isso, essas duas classes de alunos apresentarão limites de aprendizado musical diferentes. Cabe ao professor de música fazer essa diferenciação na fase da apreciação dos resultados musicais dos alunos.

Uma proposta que direciona bem o professor que entrará em contato com o universo da educação especial para deficientes visuais está inserida num dos discursos da professora Amanda Ochatt ao dizer:

Sem ter aonde me apoiar, perguntei-me como passaria se eu perdesse a visão. Comecei fechando os olhos, mas me dei conta de que não suportava. Então, os tapei aos poucos, primeiro cinco minutos, dez, quinze, assim, até adaptar-me a esta escuridão. No princípio, me dava medo, isto era o resultado da minha educação, (...) porque fundamentalmente a sociedade se baseia em tudo que se passa pela vista. (OCHATT, 2000, p. 11)

Para o educador que visa familiarizar-se com a pedagogia, é imprescindível que entre também no universo do educando, a fim de aproximar-se o maior possível de sua realidade. A compreensão da realidade do alunado é um dos fatores que darão ao professor conhecimentos para formulação de sua metodologia.

O contexto da atividade musical no IBC

Essa pesquisa é realizada na sala 242 (sala de música) do Instituto Benjamin Constant. Participam dessa pesquisa em sala de aula, além do pesquisador, onze alunos dessa instituição. A faixa etária desses alunos tem abrangência dos 12 aos 19 anos. Em relação às séries escolares, encontramos alunos do 6º ao 9º ano. Dentre esses alunos, encontramos alunos cegos e alunos com visão subnormal. Também encontramos uma heterogeneidade em relação ao nível de conhecimento musical pré-estabelecido que cada aluno leva para a sala de aula.

Ao iniciar o trabalho, demos atenção a dois aspectos de conteúdo musical que foram desenvolvidos nessa fase inicial da pesquisa. Esses dois aspectos são: técnica violonística (postura) e repertório musical.

A técnica violonística em relação à postura teve como referências dois livros didáticos: Suzuki Guitar School e Introdução ao violão — mecanismo básico, do professor Leo Soares. O autor dessa pesquisa escolheu esses dois livros por eles apresentarem um conteúdo musical relacionado à técnica violonística de cunho universalizante, ou seja, encontrado na maioria dos violonistas do Estado do Rio de Janeiro. O primeiro livro foi escolhido também por trazer à tona princípios do próprio Suzuki, autor estudado nessa pesquisa. E o segundo por ter sido escrito por um professor carioca que deu aula para uma grande quantidade de violonistas nacionais.

Em relação ao repertório musical utilizado, o autor da pesquisa procurou observar alguns princípios de Suzuki. Segundo Santos (1994), o repertório musical pertencente ao método Suzuki é “constituído basicamente de músicas ocidentais barrocas e clássicas”. (p.62).

No entanto, este repertório pode ser ampliado com peças escolhidas pelo professor (incluindo as autóctones, contemporâneas, ou inspiradas no folclore, ou mesmo

substituído integralmente, se proceder à gravação das novas músicas para que o aluno as ouça e toque). (SANTOS, 1994, p.63)

No método Suzuki, a metodologia é autônoma. Ela independe do repertório musical abordado. Isso aumenta as chances de adaptação por parte do método em diferentes realidades sociais, e observamos que essa metodologia pode ser adotada com um repertório musical próprio da região que está inserida. O repertório adotado pelo professor, a princípio, foi o da literatura musical abordada por Suzuki, contido no livro Suzuki Guitar School. A música escolhida nessa fase inicial foi o tema *Twinkle, Twinkle, Little Star*, também conhecida como *Ah, vous dirai-je, Maman*. Esse tema como outros exercícios foram gravados pelo pesquisador com o intuito de testar outra idéia de Suzuki que é a utilização da gravação como uma ferramenta de educação musical. A gravação do Cd feita pelo pesquisador contendo essas partes musicais adotadas em sala de aula é um instrumento que auxilia os alunos com deficiência visual, dando-lhes um ponto de referência para o estudo musical. Com o Cd, o aluno é estimulado a estudar em casa e o professor fica com a responsabilidade de mostrar a esse aluno, em sala de aula, a materialização da gravação através do tato e da imitação. Com a ajuda do instrumento musical adotado (violão), o aluno tenta reproduzir a gravação. Com isso, o aluno, através da percepção, tenta criar uma imagem corporal a partir do som da gravação. Por exemplo: o aluno, a partir da gravação pode detectar se o som foi produzido pelo violão através de cordas soltas ou cordas presas desse instrumento musical.

O instrumento musical inaugural do método Suzuki foi o violino. Segundo Smith (1983), “o método da língua materna, aplicado inicialmente ao violino, teve seus princípios adaptados para o ensino do piano ainda na década de 60 no Japão”. (apud SANTOS, 1994, p. 63). Depois, expandiu-se “para o ensino de outros instrumentos: cello, viola, flauta, guitarra, harpa”. (SANTOS, 1994, p. 63).

Ao observarmos que método Suzuki para violino expandiu-se para outros instrumentos, o autor se sentiu à vontade para trabalhar o método Suzuki através do violão. Outro fator que contribuiu para que o pesquisador utilizasse o violão foi a questão da acessibilidade do instrumento. Segundo Nascimento (2006):

Através do ensino de um instrumento de baixo custo e, sobretudo, intrinsecamente ligado à cultura brasileira, ainda, de uma prática diferenciada em sala de aula, de canções e músicas instrumentais que os alunos estão familiarizados, tornou-se possível uma dinamização do aprendizado musical em que tanto educador quanto educando, verificaram uma troca de conhecimentos. (p.764).

Uma abordagem violonística do tema Twinkle, Twinkle, Little Star



Figura 1. Tema melódico Twinkle, Twinkle, Little Star (Fonte: Suzuki Guitar School).

O autor da pesquisa, com o propósito de trabalhar com os alunos noções relacionadas às maneiras de dedilhar o violão, adaptou a melodia original dada anteriormente da seguinte maneira:



Figura 2. Melodia construída para ser tocada em cordas soltas do violão.

Com isso, o professor propõe aos alunos que executem ao violão a melodia anterior, usando exclusivamente as cordas soltas do instrumento. Ao executarem as três primeiras cordas do violão com os dedos indicador e médio (com apoio e sem apoio), os alunos vão condicionando a postura do antebraço da mão direita na junção entre a ilharga e o tampo sem se preocuparem, a princípio, com a postura da mão esquerda.

As maneiras de se ouvir antes da notação musical

O deficiente visual usa a audição como fonte de identificação. O ouvido é uma das alternativas encontradas pelo deficiente visual para registrar informações que seriam registradas pela visão. O professor, atento para esse fato, busca desenvolver a escuta do aluno especial com finalidade musical.

Para Moraes (2001), “há infinitas maneiras de ouvir música. (...) pelo menos três delas poderiam ser chamadas de dominantes: ouvir com o corpo, ouvir emotivamente, ouvir intelectualmente”. (p.63).

Para Moraes (2001), “ouvir com o corpo é empregar no ato da escuta não apenas os ouvidos, mas a pele toda, que também vibra ao contato com o dado sonoro”. (p.63). Ao ouvir emotivamente, “entra-se no campo dos sentimentos”. (p.65). Ao ouvir intelectualmente ouvem-se estruturas musicais. (p.67).

O ouvir com o corpo será útil ao aluno especial no aprendizado musical sem auxílio de partitura em Braille. Esta escuta corporal auxiliará o aluno a sentir através do tato o conteúdo musical (técnica, postura, peças musicais).

Das relações do método Suzuki com a educação musical para deficientes visuais, observamos a importância da vivência musical antes da leitura musical, principalmente para o aluno com deficiência visual, que necessita desenvolver outros sentidos com o objetivo de suprir a falta de visão. Segundo Pereira (1937): “Não ensinar símbolos, antes de conhecidas, e experimentadas as realidades que os símbolos representam”. (p.138). Essas realidades que os símbolos musicais representam darão ao aluno especial a capacidade de enxergar através de outros sentidos (audição, tato), usando também a imaginação.

Isso nos faz lembrar da relação existente entre a língua falada e a música. Para Kodály “a música é uma manifestação do espírito humano, similar à língua falada”. (apud GUEST, [s.d], p.1). “Suzuki afirma que toda a criança, potencialmente, tem capacidade para aprender música, do mesmo modo que para aprender a falar a língua do seu país”. (FONTERRADA, 2003, p.151). Daí, verificamos que a criança aprende a falar antes de ler e de escrever.

Resultados

Nessa fase inicial, o pesquisador observou que os alunos estão numa fase de adaptação em relação à técnica violonística, porque para todos eles essa técnica é vista pela primeira vez, observamos que esse conteúdo novo exposto pelo professor para os alunos deu margem para que aqueles que nunca tocaram violão e aqueles que já tocaram pudessem absorver o conteúdo em iguais oportunidades. Foi verificado que numa sala de aula onde convivem alunos adiantados e alunos iniciantes, o conteúdo novo ensinado possibilita a diminuição dessas diferenças. Também vimos que, em relação à técnica, os alunos que já tocam violão de determinada maneira, quando têm que fazer modificações técnicas, enfrentam mais dificuldades que os alunos que entram em contato com a técnica pela primeira vez. Concluímos com isso, que os vícios técnicos são mais difíceis de tirar porque o descondicionamento do antigo modo de fazer vem antes da familiarização com a nova forma de fazer. Enquanto que o aluno condicionado a

tocar de um jeito tem o trabalho de descondicionar para depois tornar a automatizar o novo procedimento técnico, o iniciante tem apenas o trabalho de automatizar esse novo procedimento técnico.

Em relação à abordagem do tema melódico *Twinkle, twinkle little star*, foi observado que os alunos passaram a ter consciência em relação ao uso dos dedos da mão direita para dedilhar o violão. Foi observado que todos os alunos, inclusive aqueles que já tocavam violão, não tinham consciência da utilização dos dedos i e m de maneira que evitassem a repetição em seqüência dos mesmos. Para alguns alunos, repetir sempre o mesmo dedo para dedilhar era uma constante.

Referências bibliográficas

BONILHA, Fabiana Fator Gouvêa & CARRASCO, Claudiney Rodrigues. Ensino de musicografia Braille: um caminho para a educação musical inclusiva. In: XVII ENCONTRO ANUAL DA ANPPOM. 2007. São Paulo. *Anais...* São Paulo: UNESP, 2007.

FERNANDES, José Nunes. Caracterização da didática musical. *Debates*. Rio de Janeiro: Unirio, n.º 4, p. 49-74, 2001.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios – um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Unesp, 2003.

GUEST, Ian. *Apresentação para o curso intensivo de “método Kodály”*. Rio de Janeiro: [s.d]. Apostila – Curso intensivo de “método Kodály”, CIGAM.

MASINI, Elcie F. Salzano. *A educação do portador de deficiência visual – as perspectivas do vidente e do não vidente*. Brasília: [s.e.], 1993. Disponível em: www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/888/795. Acesso em: 21 jun. 2009.

MORAES, J. Jota de. *O que é música*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

NASCIMENTO, Darlan Alves do. Educação através do violão. In: XV ENCONTRO ANUAL DA ABEM. 2006. João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: UFPB, 2006.

OCHATT, Amanda Mirta. *Sistema y metodologia en la enseñanza de las artes plásticas para ciegos*. Buenos Aires: Dunken, 2000.

PEREIRA, Antônio Sá. *Psicotécnica do ensino elementar da música*. Rio de Janeiro: José Olympio ed., 1937.

SANTOS, Regina Márcia Simão. *Fundamentos da educação musical*. Vol. II. Porto Alegre: Abem, 1994.

SENA, Sabrynne Sampaio de. A musicografia Braille na formação do músico cego. In: XVI ENCONTRO ANUAL DA ABEM. 2007. Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: UFMS, 2007

SUZUKI. *Guitar School – Guitar part volume 1*. New Jersey: Warner Bros. Publications Inc., 1991.

SUZUKI, Shinichi. *Nurtured by love – a new approach to education*. New York: Exposition Press, 1969.

SUZUKI, Shinichi. *Educação é amor*. Santa Maria: UFSM, 1983.

